



E AGORA, DEMOCRACIA?

As instituições políticas americanas estão entre as mais sólidas do mundo, mas a atitude autoritária e intolerante do novo presidente é uma ameaça ao equilíbrio entre os poderes

NATHALIA WATKINS

© ALEX WONG/GETTY IMAGES/AFP



APONTE A CÂMERA
PARA ESTAS
PÁGINAS E OUÇA O
TEXTO DESTA
REPORTAGEM



O PRESIDENTE

Donald Trump
no discurso de posse,
na sexta-feira 20,
em Washington



OS FILHOS Do alto, em sentido horário, Barron, Eric, Donald Trump Jr., Ivanka e Tiffany durante a cerimônia de posse

“Um novo orgulho nacional vai nos mover, levantar nosso olhar e curar nossas divisões”, disse Donald Trump em seu discurso de posse, na sexta-feira 20, em Washington. As palavras do 45º presidente da maior democracia do mundo não condizem com seus atos. Durante toda a campanha presidencial, e também nos meses que se seguiram à sua eleição, Trump explorou a desunião dos cidadãos e desprezou os princípios democráticos — tanto os explícitos, contidos nas leis do país, quanto os implícitos, construídos ao longo de décadas com base no respeito entre adversários políticos.

Trump atacou a imprensa, espalhou mentiras, fechou os olhos para a incitação à violência contra estrangeiros e minorias, fez ameaças àqueles que serão seus opositores daqui em diante e ignorou a tradição de transparência e conduta ética que se espera de candidatos e presidentes eleitos (ao se recusar a divulgar sua declaração de imposto de renda e a eliminar os conflitos de interesse que existem entre sua atuação como empresário e como ocupante do cargo mais poderoso do mundo). Mesmo que, nos próximos anos, não bata de frente com a Constituição, basta Trump ser Trump para que a democracia americana se veja enfraquecida.

O traço autoritário do novo presidente fica evidente na sua postura de

descaso diante de um fato capaz de deixar qualquer outro em sua posição no mínimo apreensivo, se não desesperado: nunca um governante dos Estados Unidos começou o mandato tão impopular. Apenas quatro em cada dez americanos têm visão favorável a Trump. Uma rejeição muito superior à que enfrentou no início de 2001 George W. Bush, que, assim como Trump, não foi escolhido pela maioria dos eleitores, mas pelo Colégio Eleitoral, que valida o complexo sistema de voto indireto do país. Bush começou seu mandato com apoio de seis em cada dez cidadãos. Os americanos confiam em que o seu sistema político é inabalável, infenso a erros graves dos governantes. “Agora, a crença nesse sistema, que

inclui um Congresso que representa o povo, um Judiciário independente e uma imprensa livre, está em xeque”, diz a historiadora Stacy Cordery, da Universidade de Iowa.

As instituições americanas — o sistema de prévias partidárias e a vigilância da imprensa — já foram postas à prova com a eleição do presidente com a personalidade mais autoritária de sua história recente. Como será que conseguirão resistir a esse presidente no exercício do poder? A seguir, as principais formas de ameaça à democracia representadas por Trump.

ATAQUE À IMPRENSA E DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS

Trump encontrou no Twitter — ou seja, na comunicação direta, sem filtros nem questionamentos — uma forma de driblar e desacreditar a imprensa tradicional. O presidente não suporta críticas e ameaçou acabar com a tradição de fazer entrevistas coletivas na Casa Branca. “Sua prática de se comunicar pelo Twitter é inconsistente com as deliberações e a sobriedade que os americanos associam à Presidência. O presidente deve se comunicar por meio de argumentos coerentes, e não em mensagens criptografadas e inconsistentes”, diz o cientista político Bruce Ackerman, da Universidade Yale. Pior ainda é a naturalidade com que Trump usa a rede social para divulgar notícias fabricadas por sites de credibilidade duvidosa. No passado, tuitou disparates como o de que seu antecessor, Barack Obama, não nasceu nos Estados Unidos, que os dados de desemprego são manipulados e que foi o vencedor da eleição também no voto popular. A democracia depende de um mínimo de boa-fé de seus protagonistas. Ao mentir sem pudores, Trump jogou esse princípio no lixo.

SE UMA PRIMEIRA-DAMA NÃO BASTAR...

Em 1999, quando Melania e Donald Trump apenas namoravam (eles se casaram em 2005), ela arriscou imaginar-se no papel de primeira-dama: “Eu seria muito tradicional, como Betty Ford ou Jackie Kennedy”, disse ao jornal *The New York Times*. “Eu o apoiaria.” Apoiar o marido, e nada mais, foi exatamente o que Melania fez durante a campanha. Além de defender Trump de acusações de assédio sexual, ela engoliu outros constrangimentos. Na convenção do Partido Republicano, leu um texto plagiado de um discurso de Michelle Obama, a agora ex-primeira-dama. Três meses depois, Trump afirmou em um programa de TV ao vivo, sem consultá-la, que a mulher faria mais “dois ou três discursos” até o fim da campanha. Melania ficou desconcertada. A criação do filho Barron, de 10 anos, é sua

prioridade, mas ela afirmou que faria de tudo para ajudá-lo.

Apesar da postura submissa, Melania tem potencial para adquirir brilho próprio, se Trump deixar. Ex-modelo nascida na Eslovênia, esbanja elegância, é fluente em quatro idiomas e, segundo ela mesma garante, tem as próprias ideias. Melania permanecerá com Barron em Nova York até o fim das aulas, no meio do ano. Enquanto não se mudar para Washington, deixará espaço para que Ivanka, a filha mais velha do presidente, exerça algumas das funções de primeira-dama. Aos 35 anos, Ivanka é jovem, bonita, enérgica e, ao contrário da madrastra, deixou claro que pretende usar sua influência para alavancar as causas em que acredita. Pode ser que Michelle Obama tenha duas, e não apenas uma substituta.



ELEGANTE Melania, na convenção: diz ela que tem ideias próprias



TURMA DOS EX George H.W. Bush, Obama, George W. Bush, Bill Clinton e Jimmy Carter na Casa Branca, em 2009

DESPREZO POR RITOS DEMOCRÁTICOS

Para funcionar bem, uma democracia precisa não apenas de normas escritas, mas também de condutas informais que sejam respeitadas por todos. Isso inclui a civilidade, a cooperação, o debate de ideias e o jogo limpo. Trump não se importou com as acusações de nepotismo ao nomear o genro Jared Kushner como seu assessor. Apesar de ter precedentes, a prática de escolher parentes para funções públicas é repudiada pelos americanos. Outra pista do seu desprezo por ritos democráticos ficou explícita durante as sessões de confirmação dos membros do seu gabinete no Congresso. Alguns dos indicados expressaram visões perfeitamente opostas às anunciadas pelo pre-

sidente durante a campanha. “Todos os meus nomeados para o gabinete estão indo bem e fazendo um ótimo trabalho. Quero que eles expressem suas próprias ideias, não as minhas!”, tuitou em 13 de janeiro, sugerindo que a sabatina é inócua e que ele fará o contrário do que seus ministros disseram.

TENTATIVA DE DESLEGITIMAR AS AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS

O exemplo mais claro dessa ameaça é o descaso com os serviços de inteligência. Depois que um site divulgou um dossiê suspeito com detalhes sórdidos de sua vida particular e de sua relação com a Rússia, Trump culpou seus futuros funcionários pelo vazamento: “As agências de inteligência nunca deveriam ter permitido que essas notícias

falsas se tornassem públicas. Estamos vivendo na Alemanha nazista?”, tuitou em 11 de janeiro. “Ele assume a Presidência achando que todo mundo no governo é incompetente, que a mídia é desonesta e que os espões não sabem de nada. É uma postura arrogante e perigosa”, diz o historiador presidencial americano Mike Purdy. Isso pode prejudicar o processo de tomada de decisão do presidente e, em última instância, atingir as fundações do Estado que essas agências se esforçam em proteger.

CONFLITOS DE INTERESSE E FALTA DE TRANSPARÊNCIA

Dono de um império imobiliário bilionário, com atuação em diversos países, Trump concordou em reunir todas as suas mais de 500 empresas em

um único corpo, mas recusou-se a publicar as operações e as finanças em detalhes. O comando do grupo, que deveria ser confiado a um conselho independente, ficará nas mãos dos filhos mais velhos de Trump, Donald Jr. e Eric. “Desde que o Congresso aprovou a lei sobre ética no governo, em 1978, após o escândalo Watergate, não é assim que se resolvem conflitos de interesse no cargo presidencial”, disse Walter Shaub, diretor do Escritório de Ética do governo. Se mantiver o vínculo estreito com o comando de seus negócios, Trump poderá se ver no centro de inúmeras alegações de corrupção, prenúncio do mau funcionamento de um Estado democrático.

A PERSONALIDADE AGRESSIVA E INTOLERANTE

O comedimento quase sempre foi uma virtude dos ocupantes do cargo máximo do país. Durante a maior parte da sua história, presidentes evitaram a tentação de usar o controle temporário do Congresso para avançar propostas partidárias e criou-se um consenso de que decisões importantes são tomadas com a concordância dos dois principais partidos. Seu histórico como empresário e como candidato, contudo, indica que Trump não terá paciência para esse jogo. “A tentação autoritária, apesar das restrições institucionais, pode causar muitos estragos, principalmente por meio de decretos e na política externa, que é menos regulada”, diz o cientista político Robert Shapiro, da Universidade Columbia. Em caso de uma crise, como um atentado terrorista ou a eclosão de uma guerra, o risco de um colapso democrático aumentaria. Trump poderia usar tais situações para justificar a perseguição jurídica ou a prisão de opositores, além de restringir o acesso à informação.

OS EUA QUE CADA UM HERDOU

O país que Barack Obama entregou a Donald Trump é mais diverso, otimista e rico (ainda que economicamente menos competitivo) do que aquele que o democrata encontrou em seu primeiro dia de mandato, oito anos atrás



Fontes: FMI, Banco Mundial, Pew Research e Gallup

Contenção e diálogo vão contra a natureza de Trump, como ficou claro no mais impressionante perfil escrito sobre ele, publicado meses antes da eleição pela revista *New Yorker*. Nele, Tony Schwartz, ghost writer das memórias que Trump publicou em 1987 e que venderam mais de 1 milhão de exemplares, fala de suas impressões pessoais no intenso convívio que teve com o magnata durante dezoito meses. Para Schwartz, diz a revista, Trump é “patologicamente impulsivo e autocentrado”. É tão dispersivo que não sustenta uma conversa de quinze minutos. Ama a publicidade e a exposição pública. Quando era entrevistado pelo ghost writer sobre sua infância, Trump logo ficava impaciente e irritado. Mentia com tanta facilidade que o fez ao próprio biógrafo, escondendo o auxílio que recebeu do pai no começo da carreira. Queria apresentar-se como um *selfmade man*.

Nos dezoito meses de convívio, Schwartz nunca viu Trump lendo um livro, ou mesmo mantendo um sobre sua mesa de trabalho ou no seu apartamento. Schwartz concluiu que, por sua incapacidade de concentração e sua aversão à leitura, Trump tinha um nível alarmante de ignorância sobre diversos assuntos e, em geral, seus conhecimentos eram superficiais. Resumindo, definiu Trump como um cidadão com fome insaciável de “dinheiro, elogio e fama”. Escapou ao escritor, vê-se agora, a fome também de poder. Na época em que Schwartz o conheceu, Trump ainda não completara 40 anos. Agora, tomou posse aos 70 anos. A democracia americana torce para que, de lá para cá, Trump tenha melhorado um pouquinho que seja. ■

Com reportagem de Luiza Queiroz



APONTE O CELULAR PARA ESTAS PÁGINAS E VEJA AS MELHORES FOTOS DA POSSE DE DONALD TRUMP